

Paremos hoje na berma da estrada, à entrada da pequenina cidade de Naim, na Galileia, a sudeste de Nazaré. Vamos centrar a nossa atenção nesta cena.

Eis que, abruptamente, se cruzam dois cortejos: de um lado Jesus, os discípulos e a multidão – o cortejo da vida. Do outro lado uma mãe que acompanha ao cemitério o seu jovem filho – o cortejo da morte. Na mesma estrada... E o evangelista faz questão de salientar que o jovem defunto era FILHO ÚNICO de sua mãe, que era VIÚVA. Duplamente desgraçada esta mulher!

Jesus faz então parar o cortejo da vida. Depois dirige uma palavra de conforto àquela mulher sofredora: “Não chores!” A primeira atitude do Rabi da Galileia é a de limpar as lágrimas da viúva. Jesus chora com ela e por ela.

As lágrimas ocupam um lugar fundamental na nossa vida; um lugar que a civilização ocidental procura esconder, guardar por detrás dos óculos escuros ou nos aposentos privados. Por isso, é muito difícil termos alguém ao nosso lado nas horas de lágrimas! Tinha, pois, razão o Santo bispo de Hipona – Agostinho – quando exclamava: “Ai daquele que nunca chorou, porque esse nunca amou”! E essa grande estadista, Golda Meir, acrescenta: “quem não sabe chorar de todo o coração, também não sabe rir”. Que grande verdade! Que grande verdade!...

No Livro do Génesis é narrada a belíssima, ímpar, história de José, vendido pelos irmãos como escravo para o Egipto. Quando, mais tarde, grassa a fome no país de Jacob, este envia os filhos ao Egipto em busca de pão. Tendo reconhecido os seus irmãos, José chorou.

O choro constitui um primeiro passo de libertação. José chora no momento em que se liberta do segredo e da culpa provocada pela sua venda como escravo. Chorar É DAR UM LUGAR AO SOFRIMENTO – o nosso e o dos outros – e colocá-lo diante de nós!

No seu tempo, a grande crítica que o Pe. Américo fazia aos padres (infelizmente uma crítica tão actual) era esta: a insensibilidade do clero. E, a este propósito escreveu: “O padre é um excomungado nas zonas de miséria. Não se acredita nele nem nos seus bons ofícios. ‘O quê, padres aqui a estas horas! Cheira a morte’. E em cima, nas trapeiras do quinto andar (ouvi): ‘O senhor enganou-se na porta; eu sou pobre’. Dá pena! Perdeu-se a verdadeira noção do sacerdócio cristão e o lugar que melhor calha a todos os sacerdotes de Cristo – a casa e a sorte dos desgraçados”.

E, noutra passagem, o Pe. Américo, ainda a propósito da insensibilidade do clero, escreve: “Tenho para mim que a vida que vale a pena é viver para o nosso semelhante, a chorar e a rir as suas tristezas e alegrias, mais aquelas do que estas, num esquecimento voluntário e generoso do excelentíssimo senhor Eu. O sacerdote não se ordena para si. E, se o faz, entra pela janela.

Sim; tenho para mim esta verdade, colhida na experiência de cada hora, e com ela tenho aberto caminhos, rasgado clareiras, acendido lume, suscitado paixões e feito apaixonados”.

O grande pecado da hierarquia da Igreja reside precisamente aqui: temos um elevadíssimo número de padres e bispos executivos. Temos um excesso de padres de carreira. Funcionários do sagrado, absolutamente insensíveis às lágrimas de tantos seres esfarrapados, pendurados nas escarpas da vida ou perdidos nas vielas lamacentas das periferias da vida! A mim, pessoalmente, choca-me a insensibilidade dos padres...

Mas... o PECADO MORTAL da hierarquia da Igreja não será também o grande pecado dos fiéis leigos?! Os fiéis leigos são sensíveis às lágrimas do outro? Temos a sensibilidade necessária para reconhecermos que as lágrimas mais amargas muitas vezes não são visíveis? Já nos apercebemos que, em tantas situações, um rasgado sorriso pode ser um mecanismo de autodefesa para esconder um oceano de salgadas lágrimas? Ser insensível às lágrimas do outro é um pecado bem mais grave do que cinquenta mil milhões de palavrões... Mas quem se confessa dele?

Quantas vezes, por detrás de um rosto calmo e sereno, há uma alma mergulhada na escuridão! Quantas vezes, por detrás de um rosto sorridente, há um ser que faz suas as palavras de Florbela Espanca:

*Poentes de agonia trago-os eu,
Dentro de mim e tudo quanto é meu
É um triste poente de amargura!*

*E a vastidão do mar, toda essa água
Trago-a dentro de mim num mar de Mágoa.
E a noite sou eu própria! A noite escura!!*

Quantas vezes, por detrás de uma vida aparentemente normal, há um coração angustiado e uma alma que chora e clama pela boca de Florbela Espanca:

*A minha Dor é um convento. Há lírios
Dum roxo macerado de martírios,
Tão belos como nunca os viu alguém!*

*Nesse triste convento aonde eu moro,
Noites e dias rezo e grito e choro,
E ninguém ouve... Ninguém vê... Ninguém...*

Se queremos aproximar o nosso coração do de Jesus Cristo, gravemos no mais profundo da nossa alma as palavras de uma escritora francesa cujo nome eu não posso precisar: “Quem enxuga lágrimas durante a vida, encontrará lágrimas na morte”.